O ENCONTRO DOS DOIS QUIXOTES – O PARADOXO DA ALTERIDADE ABSOLUTA

THE MEETING OF THE TWO QUIXOTE - THE PARADOX OF ABSOLUTE ALTERITY

Enoque M. Portes[1]

Resumo: Este texto tem o caráter de um ensaio. Foi escrito a partir do conto "Pierre Menard, autor do Quixote" de Jorge Luis Borges. Partindo de uma passagem específica desse conto, o argumento central do ensaio se desenvolve sem uma preocupação rigorosa com os desdobramentos do conto de Borges. O ensaio trata da alteridade. Relacionando os conceitos de coincidência e repetição deliberada, o texto mostra como a efetiva alteridade se dá num encontro de natureza imprevisível. É nesse sentido que se opõem os conceitos de coincidência — acontecimento sem prévio conhecimento e, por isso mesmo, produtor de um encontro no qual há a efetiva alteridade — e a repetição deliberada — acontecimento em que o encontro é forçado e intencional, cuja principal característica é a de sufocar o outro. Nesse sentido, o fragmento do conto de Borges fornece o elemento central do argumento, o que se denomina neste ensaio de alteridade absoluta.

Palavras chave: coincidência, repetição deliberada, alteridade absoluta.

Abstract: This text has the character of an essay. It was written from the short story "Pierre Menard, Author of Don Quixote" by Jorge Luis Borges. Starting from a specific passage of this tale, the central argument of the essay is developed without a rigorous concern with the unfolding of the Borges story. The essay deals with otherness. Relating the concepts of coincidence and deliberate repetition, the text shows how effective otherness occurs at a meeting of an unpredictable nature. It is in this sense that oppose the concepts of coincidence - an event without prior knowledge and, therefore, the producer of a meeting at which there is

[1] Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

effective otherness - and the deliberate repetition - an event in which the meeting is forced and intentional, whose main characteristic is to suffocate the other. In this sense, the fragment of Borges's story provides the core of the argument, which is called in this essay absolute otherness.
Keywords: coincidence, deliberate repetition, absolute otherness.

I

Enquanto lemos a estranhíssima empresa de Pierre Menard, experimentamos a desagradável sensação de que algo ali nos escapa. E nosso interesse se dirige precisamente a esse elemento ainda indizível em nossa percepção. Queremos encontrá-lo, pois, supomos com esperança, ele nos tirará da boca o gosto amargo suscitado por Pierre Menard e seu absurdo Quixote. Desse desconforto nasceu este nosso ensaio. Mais do que um estudo crítico do conto de Borges, ele é um recorte muito pessoal de uma passagem específica daquela narrativa. Não pretende o comentário das proposições borgeanas, como tampouco pretende explicá-las. Quer, antes de tudo, apropriar-se de um belo pensamento ali inscrito.

Esse belo pensamento capturou nossa atenção e nos impôs o desafio de explicar sua estranha natureza. Pois Pierre Menard decidiu que era preciso, ele também, escrever o Quixote de Cervantes. Não era a sua intenção reescrevê-lo. Devemos assinalar bem — pois aí reside o elemento inesperado e implausível; tinha, sim, a intenção de *escrevê-lo*. Palavra a palavra, vírgula a vírgula:

> Não queria compor outro Quixote – o que é fácil – mas o Quixote. [...] não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes. (BORGES, 2007, p. 38)

Põe-se desse modo a legítima intensão de Menard. Escreveria o Quixote de Cervantes, porquanto o que pretendia não era a repetição, mas a *coincidência*.

E desejava não uma *coincidência* aproximada, uma que pudesse ser reconhecível. Queria a coincidência absoluta. Aquela que fizesse coincidir todo o texto de Cervantes com o seu. E nisso parece ter consistido nosso incômodo inicial. Está precisamente descrito na palavra "coincidência". Está bem distinto e claro. Menard desejava que seu Quixote coincidisse palavra por palavra com o de Cervantes. Um texto que fosse idêntico ao de Cervantes, e assim mesmo não se tratasse de uma cópia.

Detemo-nos nessa distinção tão relevante para nosso propósito. O que há de diferente entre o intento de repetir Cervantes e coincidir com ele? Nenhuma diferença perceptível haveria, caso não fosse assinalada no escopo de Menard. Se simplesmente disséssemos 'havia um homem que copiou palavra por palavra o Quixote, e disse ser ele o autor da obra', ou 'havia um homem que fez coincidir um texto palavra por palavra com o Quixote, e disse ser ele o autor da obra'. Essas duas sentenças ditas num contexto próprio não excederiam a reles anedota. Leem-se ambas com nosso desdém característico ao que não é original. Permanecem no país das mesquinharias e dos crimes risíveis. Mas o Quixote de Menard não se oferece ao riso fácil. É justificado pela coincidência, e esta é uma nova e desconhecida definição. Como todas as palavras muito desgastadas pelo uso comum, seu sentido pouca atenção desperta, e talvez, mesmo nessa narrativa de Borges, quase não é distinguida dentre as demais definições de caráter tão fantástico. Não obstante, parece-nos se tratar do elemento chave para a composição do caráter fantástico da narrativa. Devemos nos atentar para a distinção enunciada entre o significado da cópia e o da coincidência.

II

Há nas coisas que se coincidem a manifestação do acaso. Quando nos deparamos com um desses eventos, somos surpreendidos. Encontramos no mundo algo que se repete sem deliberação. Participamos de um inesperado instante de comunicação entre as coisas. Seja qual for a coincidência com que nos deparamos, ela quase nunca nos permite a indiferença. O riso ou o choro, a consternação ou a euforia, eis as afecções mais comuns quando diante de uma coincidência. O riso fácil provocado entre dois interlocutores que, após permanecerem em silêncio longos

segundos, retornam à conversa ao mesmo tempo e utilizando palavras idênticas. Riem-se de uma eventualidade quase impossível. Dentre uma multidão de palavras e pensamentos possíveis, escolheram justamente aqueles que — talvez os únicos — os unem. A atuação do acaso lhes proporcionou um feliz encontro, uma possibilidade inesperada de afirmarem sua recíproca cordialidade.

Por outro lado, uma coincidência infeliz. A devastadora desolação de um artista acusado de plágio em uma obra que ele considera, além de original, bem executada. A desolação deste artista nasce de uma terrível coincidência, aquela de saber que num emaranhado infinito de ideias, alguém roubou a sua mais cara inspiração sem sequer suspeitar conhecê-la. Ele, para defender sua inocência e, mais do que isso, sua potência criadora, apelará para seu absoluto desconhecimento dessa outra ideia aparentada com a sua. Dirá que se trata da obra do acaso, que se essas duas obras são assemelhadas, não o são por uma intenção. Sua defesa quererá afirmar com violência o elemento da coincidência. Tudo que ele não deseja é ver sua espontaneidade criativa colocada em questão. E terá mesmo como se defender. Pois de fato, ainda que em sua obra haja elementos coincidentes com a do seu oponente, ela contém todavia inúmeras nuanças distintas, forças próprias, conduções pessoais e irrepetíveis. Enfim, não é a mesma obra. Coincide em um certo sentido muito específico. Há para esse nosso artista ainda vários planos de fuga. Aceita a coincidência, mas se dedica em apontar as diferenças. Elas deverão existir, já que ninguém esperaria que num processo desses, estivessem em julgamento duas obras idênticas. Seria a grande piada, e ninguém em sã consciência se prestaria a empreendimento tão flagrantemente criminoso.

O que isso nos informa? Aceitamos as coincidências, desde que não sejam absolutamente coincidentes entre si. Se entre duas coisas coincidem todos os seus elementos absolutamente, abandonamos imediatamente nossa postura interessada e surpresa, e simplesmente afirmamos que aquilo é obra de deliberada intenção, que é mera repetição. Contrária à coincidência, a repetição deliberada carrega a pecha da má-fé. Ela tem a voracidade das coisas que a todo custo se desejam únicas e primeiras. Forjando deliberadamente uma coincidência, força-se um encontro com um *outro*, um encontro com o que não quer ser encontrado. Pernicioso encontro, pois a repetição deliberada

pretende consumir esse outro. Quer para ele a amnésia do mundo inteiro. Na repetição deliberada, isto é, na cópia maldosa de um outro anseio já vivificado e corporificado no mundo, reconhecemos o discurso que se arvora como o primeiro princípio, quando não passa de um habilidoso falseamento de originais, ou pior, de um consumado assassínio de espontaneidades e aspirações ingênuas. Encontramos esse assassínio no populismo do ditador. Ele aparece com a certeza e a coerência das obras bem acabadas. Convence a todos de que essa obra, esse ideal de nação, é, na verdade, o resultado genial da apreensão das aspirações do povo. Surge então nas praças como o artista do povo, seu redentor, seu mote de beleza. Todos estão convencidos dessa grande coincidência, de seus mais ocultos anseios se refletirem tão limpidamente naquele grande homem. Que grande encontro, que surpresa! Mas estão todos enganados. Não há ali nenhum encontro feliz. Não foi o acaso quem fez surgir aquela figura. O assassino não é original. Nada fez senão reduzir toda a multiplicidade de aspirações e espontaneidades criativas à sua pessoa. Como carrega a objetividade das coisas simples, parece a todos ser a pura verdade. Parece ser original. Parece vir ao encontro de cada um particularmente. Mas em verdade devora e anula cada um particularmente. Transforma a multiplicidade em unidade, e todos se esquecem de que eram diferentes. Como todo grande falsificador ou prestidigitador, é habilidoso em desviar o foco dos olhares para o que deseja que seja visto. Forja, em suma, um encontro mortal. A bela coincidência se mostra por fim um embuste, a roupagem adornada de um interesse cruel e rasteiro. Aquele que forja a coincidência, delibera em favor de si, desorientando o olhar e confundindo a memória, até que convença o mundo de sua originalidade e primazia. Por isso podemos dizer que a repetição deliberada, a grande coincidência forjada, ao encontrar o outro consume-o, porque é de seu interesse que o outro, com o qual ela diz coincidir, seja devorado e mesmerizado.

O verdadeiro encontro se dá no raríssimo evento da coincidência. O sentido preciso que damos a esse conceito, para que seja compreendido como um encontro, deve ser referido àquilo que se realiza e é explicitado a partir da relação entre as coisas. Uma ação que encontra seu similar quando traduzida ou em palavra, ou em arte, ou em confronto. Não há coincidência com aquilo que permanece internalizado e indizível.

Talvez pudéssemos dizer que a coincidência pode habitar naquilo que de alguma maneira já está articulado, factualizado, inscrito no âmbito das expressões cognoscíveis. Ela nasce daquilo que possui uma face discernível, uma inscrição possível na memória. Muito semelhante à cópia, ela apenas se diferencia desta pela mediação do acaso. Há um sentido de ingenuidade mutua nos encontros por coincidência. Ignora-se as teias que se entrelaçam, e a consciência desse entrelaçamento irrompe bruscamente ante os olhos. Na repetição deliberada essa ingenuidade mutua é desfeita. Há um ardiloso plano de subversão do olhar. Aquele ditador apresenta um mundo aparentemente novo e maravilhoso. Contudo, está oculto ali uma intenção prévia, um elemento que ele não deseja que seja revelado antes do tempo. A repetição deliberada é uma coincidência forjada do encontro entre aquilo que se considerava único e se descobre irmão.

A possibilidade da coincidência é a probabilidade de todos os encontros, ainda que fortuitos e surpreendentes. Não há a regra para a produção da coincidência. Na multiplicidade infinita das coisas mundanas, repentinamente algo é reconhecido como semelhante a outro, e não se espera depreender as razões de tal semelhança, de tal irmandade. É o encontro a partir de um infinito de possibilidades. No acontecimento da coincidência o mundo inteiro se torna encontrável. Sem premeditado interesse, sem o domínio de uma técnica, sem sequer a esperança da apreensão de sua lei geral. Trata-se de um instante poético, cuja descrição se manifesta por meio de interjeições e metáforas. Contra o crime da cópia deliberada, na coincidência a coisa se repete num processo de agregação. Os dois poetas que, absolutamente desconhecidos um ao outro, compõem um poema extremamente semelhante, não procuraram essa repetição, porquanto isso os tornaria fracos e estéreis. Antes, foram à caça da mais desconhecida originalidade, se valeram de sua técnica aprendida em horas incontáveis de erros, até que se permitiram dizer que aquelas eram palavras de grande poesia. Dentre as infinitas contingências pessoais, os motivos inconfessos tão insondáveis em cada um, dentre os padrões culturais e morais, os modos infinitos e absolutamente idiossincráticos de negação e recusa, dentre as condições de tempo e lugar, de luz e calor, de saúde ou moléstia, enfim, dentre a infinita quantidade de razões para que esses dois poetas não se repetissem, não se encontrassem, se encontraram.

As razões para esse encontro existem, evidentemente. Elas sempre estão aí, pululando na mente dos críticos. Contudo, comparadas com a quantidade infinita de razões para que nunca ocorresse tal encontro, elas são pobres e pueris, explicações que somente se tornaram possíveis a partir do acontecimento. A coincidência é um evento de proporções universais. Toda a explicação pretensamente criteriosa com fins a explicar as regularidades entre fatos distintos é um ato de simplificação da multiplicidade universal, como se houvesse na relação entre as coisas linhas definidas e facilmente captáveis. Sublinhar regularidades, construir definições, não é, por conseguinte, mais do que recortar um acontecimento fortuito e dizê-lo necessário e objetivo.

III

Retornemos ao nosso Menard. Dizíamos ainda no início que sua ambição não era a de copiar o Quixote, mas "produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes". Observamos nesse estranho propósito um significado agora mais compreensível. Não tinha ele a intenção de copiar Cervantes. Isto é, não desejava ser Cervantes, não pretendia substituí-lo deliberadamente. Mas então o que pretendia em verdade? Definimos mais acima que a coincidência não pode ser induzida. E lemos agora que era precisamente essa a intenção de Menard. Trata-se, nesse sentido, de algo como uma coincidência deliberada. Grande contrassenso, grande perplexidade. Aqui habita o elemento fantástico desta narrativa. Estão relacionados elementos auto-excludentes. A intenção, a deliberação, nunca puderam se coadunar, em nenhum sentido, com o evento da coincidência. Essa estranha relação parece fugir ao alcance do pensamento. Queremos assinalar, no entanto, que ela não é de todo impensável. Há o que dizer do propósito de Menard. Ainda que ele pareça absurdo, não é, todavia, pueril. Se beira o paralogismo, está muito longe de um mero jogo de aporias. O intuito formidável de Menard é o de ser capaz de produzir coincidências. Naturalmente, nessa perspectiva, o elemento do acaso deverá perder sua função. Ora, como dissemos, a coincidência sem o elemento do acaso é uma ação deliberada. Desse modo, se aceitarmos o empreendimento de Menard, se, a despeito de tudo, nos convencermos de que ele é factível, não podemos nos furtar à conclusão de que há

algo de indizível em seu sonho.

Façamos o percurso de Menard. Conduzamo-nos segundo sua lógica poética. Porque é efetivamente disso que se trata. A lógica clássica nunca poderá admitir que dois elementos contraditórios entre si se coadunem. É ilógico pensar uma coincidência da qual o acaso está ausente. O que importa? É precisamente a inconsistência da ambição de Menard que nos revela o que permaneceria velado num pensamento correto.

O que descobrimos? Não nos surpreendemos com nosso achado. Abandonadas as noções convencionais do pensamento, o propósito de Menard parece perfeitamente consequente. Através da coincidência abre-se para nós a possibilidade do encontro com o *outro*, um outro indeterminável a priori, e, por isso mesmo, a possibilidade do encontro com todos os outros do mundo. No entanto, essas coincidências, no mais das vezes, são frágeis e discutíveis. Há tantos desconhecidos, tantas sombras, tantas zonas inconclusas. Elas são obscurecidas pela sua raridade. E quando, por fim, são notadas, sufocam-se na autoridade de categorias filosóficas, estéticas, históricas, antropológicas, científicas, etc., todas com a pretensão de situá-las dentro de um âmbito específico do pensamento, de resguardá-las de permanecerem assim surpreendentes e ricas.

Grande era, com efeito, a ambição de Menard. Além de querer descortinar e planejar uma coincidência, desejou-a absoluta. Sua obra teria de coincidir com a de Cervantes em cada palavra. Não bastava o plano às vezes tênue das reminiscências esporádicas ou das interseções episódicas. Ora, pensava Menard, se com o evento da coincidência abre-se a possibilidade de um encontro marcado, por que não torná-lo absolutamente perfeito e sem enganos? Nessa lógica do indizível, Menard, por uma vez, somente se satisfaria quando encontrasse Cervantes integralmente, sem interpretações, sem desvios argumentativos, incontestável, ele, o espanhol inventor do Quixote, definitivamente ele. Cada partícula do escritor perdida no decorrer dos séculos quer pela incúria da história, quer simplesmente pela inclemência da guerra, do tempo ou do fogo, seria revisitada pela obra de Menard. Menard por fim se encontraria com Cervantes. Agora poderia seguir suas intenções, determinar seus primeiros enganos, refazer cada linha de sua obra, tornar cada palavra uma escolha viva, cada peripécia bem sucedida de Dom Quixote ou de Sancho um motivo de orgulho. Todos os estudos críticos sobre a obra

de Cervantes seriam a partir de agora ridicularizados pelo encontro de Menard. Com o seu encontro, não se sentiria inseguro para contar a história de cada palavra do Quixote. Elas também eram suas. Por uma extraordinária coincidência, fizera o mesmo percurso de Cervantes. Um encontro perfeito, a consciência absoluta de um *outro*. Agora, a obra de Menard deveria ser colocada ao lado da de Cervantes, e ambas admiradas pela *originalidade* da concepção e arranjo. Cervantes e Menard não seriam um só. Sempre seriam dois, e é nisso que reside o elemento fantástico e, porque não dizer, maravilhoso. Aqueles dois livros aparentemente idênticos seriam a prova manifesta de um grande encontro entre dois homens. A manifestação factual e objetiva de toda uma infinidade de sutilezas subjetivas coincidindo-se. Cada palavra do Quixote carregaria a vivacidade de seu autor. As de Cervantes Cervantes, as de Menard, Menard. Nunca se confundiriam. Eram fruto não de uma cópia, mas de uma coincidência.

Menard encontraria a vida de Cervantes em toda a sua força vital, mas nunca perderia sua própria força. Desejava ouvir as palavras do Quixote não da distância confortável do leitor. Lutava por enuncia-las pela primeira vez com todo o seu sabor de conquista, com toda a carga de inseguranças enfim derrotada, o orgulho de se saber um criador. Era muito necessário experimentar a perspectiva de Cervantes em sua totalidade. Desejava transpor a barreira imposta pela circunscrição do *outro*.

É estranho esse intento? Talvez seja mais estranho não querê-lo. Não nos conforta essa mesmidade que nos interdita uma experiência ampliada das coisas do mundo. Confrontamos a todo instante com uma infinidade de perspectivas com as quais nunca teremos um contato vivo. Apenas com um enorme esforço de linguagem, com um arsenal rico em artificialidades discursivas estabelecemos um encontro com o outro. Balbuciamos, gesticulamos, criamos leis universais, discutimos a ciência da política, e tudo não excede a imprecisão de uma corrida às cegas. Ouvimos os sons das palavras gritadas ou sussurradas, vemos as lágrimas do que julgamos a tristeza, rimos do que supomos a mais absoluta alegria, e, no entanto, nosso julgamento nunca excede a medida de nossos correlatos daquelas expressões. Nunca experimentamos o grito de vitória com a boca e a euforia do vitorioso, senão quando somos nós o vitorioso. O outro sempre parece um estranho inacessível, uma obra nunca inteiramente

decifrada. Do outro conhecemos o que está conhecido em nós. É pálida a experiência da alteridade. Quando se propõe colocar-se no lugar do outro, não se espera mais do que a suspensão dos interesses mais imediatos. Essa suspensão funda-se numa suspeita de que há interesses divergentes e obscuros, de que é preciso duvidar da própria solidão no mundo, pois parece ser mais sensato admitir que, se sou tão complexo e diverso, o outro também pode sê-lo. O máximo que conseguimos de nós mesmos em direção ao outro. Encontrar o outro no que ele tem de igual, eis a máxima cristã. Eis também a confissão de que as sombras da incompatibilidade, os recantos singulares e não redutíveis a essa máxima devem ser mortificados. Daí o absurdo da obra de Menard. Com o seu esforço, ele pretendia encontrar Cervantes naquilo que o escritor espanhol tinha de mais próprio, de mais singular, de mais inimitável. Queria encontrá-lo precisamente naquilo que o definia como um outro. O eu, de circunscrição tão resguardada, alçaria um voo a um plano ainda inexplorado. Ali ele se depararia com uma *nova* experiência: a experiência de ser um *eu* que apreende o outro lá onde esse outro é ele mesmo um eu. Menard encontraria Cervantes na perspectiva de Cervantes, mas sem nunca se perder nesse caminho, sempre permanecendo o Menard do início do percurso.

O homem que alcançasse tal fim de fato experimentaria o mundo. Deixaria nossa finitude ensimesmada para degustar outros interesses, outros vícios, e, porque não dizer, outras visões de si mesmo. Um eu que se estendesse para além do *mesmo* estaria pronto para superar o que em nós é mais humilhante: o apego materno com que cobrimos tudo que supomos nosso, o amor doentio que dispensamos às nossas obras, na ridícula esperança de que elas respondam aos anseios universais do homem. Quando acreditamos piamente em categorias abstratas de pensamento nos tornamos sempre mais impiedosos e frios com o mundo. Tomamos as palavras pelas coisas. Não nos assombramos com a multiplicidade indefinível de sentidos. Como o imitador hábil, somos argutos em reconhecer similitudes exteriores. E com o reconhecimento de um grande número dessas similitudes frágeis, compomos uma teia de sentido, e o mundo parece perfeitamente coeso. É um eu parcial e iludido que, lançado na multiplicidade do mundo, se apequena ao abandonar a esperança de Menard. Pois Menard esperava encontrar cada singularidade em toda a sua irrepetível complexidade.

E esse nosso tom pode talvez deixar entrever algum mandamento moral. Mas essa é uma conclusão precipitada. Querer experimentar as outras singularidades é, ao contrário, uma ambição de certo modo imoral. É a ambição de aprender e dominar vivamente todas as ideias, não só em seu estrato objetivado e simplificado pela linguagem, mas em suas gradações mais sutis e esquecidas, suas motivações inconfessáveis, os pequenos ódios que as insuflaram, etc. menard dirá: "todo homem deve ser capaz de todas as ideias". Em outras palavras, que todo homem deve transgredir sua mesmidade e se imiscuir em todas as criações humanas sem o distanciamento do espectador. A absoluta alteridade. Viver todos os homens em cada uma de suas minúcias. Experimentar todas as singularidades, sem que nunca se abandone a sua própria. Menard desejava conhecer Cervantes absolutamente. Entretanto, não queria aboli-lo, como tampouco queria abolir-se. Anseio insano e sem esperanças, porque quer abolir justamente o que nos define mais completamente: nosso mutuo e generalizado desconhecimento.

REFERÊNCIA:

Borges, Jorge Luis. *Ficções.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.